



Quatro pilotis brasileiros: uma tipologia

Manuella Pamponet e Vanessa Brasileiro

Manuella PAMPONET 

Universidade Federal de Minas Gerais; Escola de Arquitetura; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU); manuellamendoncarq@gmail.com

Vanessa BRASILEIRO 

Universidade Federal de Minas Gerais; Escola de Arquitetura; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU); vbbrasileiro@gmail.com

PAMPONET, Manuella; BRASILEIRO, Vanessa. Quatro pilotis brasileiros: uma tipologia. *Thesis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 20, e 584, nov. 2025

data de submissão: 05/09/2025
data de aceite: 29/10/2025

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.584

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados: PAMPONET, M. Metodologia; Supervisão; Validação; Visualização Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: PAMPONET, M; BRASILEIRO, V.

Conflitos de interesse: As autoras certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento: 32001010049P0.

Uso de I.A.: As autoras certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Ana Claudia Cardoso e Isis Pitanga

Resumo

O conceito de pilotis (introduzido por Le Corbusier como um dos cinco pontos da arquitetura moderna) foi apresentado aos arquitetos brasileiros como uma nova possibilidade construtiva, espacial e plástica. O presente texto propõe uma investigação sobre como esse dispositivo arquitetônico foi amplamente incorporado no Brasil, baseada na análise de 56 projetos de uso habitacional unifamiliar, entre 1930 e 1978. Por meio da metodologia, procuramos entender as motivações, justificativas e particularidades do uso do pilotis em cada um dos exemplos. A partir desses parâmetros, pode-se estabelecer quatro tipos de pilotis: pilotis mirante, pilotis aéreo, pilotis varanda e pilotis serviço. Esses tipos nos levaram a uma reflexão sobre o modo de fazer pilotis no Brasil.

Palavras-chave: participação, tecnologias sociais, Cozinha Ocupação 9 de Julho, Ruangrupa.

Abstract

The concept of pilotis (introduced by Le Corbusier as one of the five points of modern architecture) was presented to Brazilian architects as a new constructive, spatial and plastic possibility. This text proposes an investigation into how this architectural device was widely incorporated in Brazil, based on the analysis of 56 single-family housing projects between 1930 and 1978. Through this methodology, we seek to understand the motivations, justifications and particularities of the use of pilotis in each of the examples. Based on these parameters, four types of pilotis can be established: observation pilotis, aerial pilotis, balcony pilotis and service pilotis. These types led us to reflect on the way pilotis were designed in Brazil.

Keywords: pilotis, brazilian modern architecture; brazilian modernism.

Resumen

El concepto de pilotis (introducido por Le Corbusier como uno de los cinco puntos de la arquitectura moderna) fue presentado a los arquitectos brasileños como una nueva posibilidad constructiva, espacial y plástica. Este texto propone una investigación sobre cómo este dispositivo arquitectónico fue ampliamente incorporado en Brasil, a partir del análisis de 56 proyectos de vivienda unifamiliar entre 1930 y 1978. A través de la metodología, buscamos comprender las motivaciones, justificaciones y particularidades del uso de pilotis en cada uno de los ejemplos. En base a estos parámetros se pueden establecer cuatro tipos de pilotis: pilotis de mirador, pilotis aéreos, pilotis de balcón y pilotis de servicio. Estos tipos nos llevaron a reflexionar sobre el modo como se construyen los pilotis en Brasil.

Palabras-clave: pilotis, arquitectura brasileña moderna, modernismo brasileño.

Introdução

O conceito de pilotis se tornou um princípio arquitetônico a partir da década de 1920, pelas publicações do arquiteto franco-suíço Charles-Édouard Jeanneret (1887-1965), mais conhecido por seu cognome, Le Corbusier, cuja influência foi imensa em todo o mundo, particularmente no Brasil. A partir das mudanças no ensino de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes no início da década de 1930, arquitetos brasileiros estudaram sua doutrina (além

das de outras celebridades do movimento moderno, como Frank Lloyd Wright, Walter Gropius e Mies van der Rohe), sintetizada nos chamados cinco pontos da arquitetura nova: pilotis, terraço-jardim, planta livre, fachada livre e janelas em fita. Porém, a julgar pela interpretação de Yves Bruand (1981, p. 90), as primeiras aplicações desses pontos no Brasil se deram “mecanicamente, como se fossem fórmulas polivalentes”, resultando em “projetos não só austeros como também inexpressivos”. Em 1936, quando Corbusier visitou o Brasil pela segunda vez e trabalhou com arquitetos brasileiros por seis semanas, sua “personalidade”, seu “dinamismo e criatividade” teriam desmanchado esse “automatismo” (Bruand, 1981, p. 90). Além disso, suas ideias parecem ter captado e reforçado alguns dos mitos cultuados nesta parte da América desde o chamado descobrimento, tais como o mito do paraíso tropical e a correlata utopia da construção de uma sociedade ideal num mundo inteiramente novo (Santos; Pereira, 1987, p. 13). De fato, é notório que os ensinamentos de Corbusier foram reinterpretados no Brasil, derivando numa produção arquitetônica de características próprias.

Em que medida isso vale também para o primeiro dos famosos cinco pontos, o pilotis? Eis a pergunta examinada no presente artigo a partir da análise de 56 projetos de moradias unifamiliares que fizeram uso desse elemento arquitetônico¹. A seleção dos projetos priorizou exemplos de destaque na historiografia do movimento moderno brasileiro (presentes em teses, dissertações e demais publicações, a exemplo das que tiveram grande destaque durante a ascensão da arquitetura moderna brasileira, como as revistas Acrópole, Habitat e Módulo, que se mostraram ótimas referências) e buscou uma visão geograficamente panorâmica do cenário nacional, considerando que cada uma das regiões do país tem suas peculiaridades culturais, materiais e técnicas. Embora exemplos no Rio de Janeiro e em São Paulo sejam mais conhecidos e estudados, ficou evidente que o uso do pilotis não se restringiu a este relevante eixo cultural, mas, pelo contrário, também se difundiu nas demais capitais brasileiras, onde não necessariamente seguiu a orientação carioca ou paulistana. Quanto ao recorte temporal, 1930 é a data do primeiro registro de um projeto com pilotis, e terminando em 1978, data do último caso considerado pertinente para o objetivo da análise. Nesse período de fins da década de 1970, embora o pilotis já estivesse plenamente aceito, sua adoção entrava em declínio, junto com os preceitos e o vocabulário modernistas.

¹ Os projetos mencionados no presente artigo são parte do levantamento realizado na pesquisa de mestrado por uma das autoras, sob orientação da segunda, intitulada *Pilotis Tropical: a habitação aérea na arquitetura moderna brasileira* (2024), compreendendo 80 edificações uso uni e multifamiliar.

No texto a seguir, propomos inicialmente uma breve descrição do pilotis preconizado por Le Corbusier, recorrendo a alguns de seus croquis e comparando-os com croquis de arquitetos brasileiros. Depois, explicitamos o método e os parâmetros adotados para as análises dos 56 casos. Desses análises resultou um conjunto de quatro tipos de pilotis — isto é, uma tipologia — que procura sintetizar a difusão desse elemento arquitetônico no Brasil e caracterizar o que seria o “pilotis brasileiro” ou “pilotis tropical”. As seções seguintes são dedicadas ao detalhamento de cada um dos tipos, acompanhado de um exemplo particularmente ilustrativo de suas características. Analisados os casos, encerra-se o artigo — mas não a discussão — sobre as possibilidades dessas experiências em caracterizar um elemento arquitetônico tipicamente brasileiro.

O pilotis de Corbusier

Em 1929, Le Corbusier publicou na revista *L'Esprit Nouveau*, o texto intitulado “Les Pilotis, c'est le format: encore cinq points”², descrevendo “os cinco pontos dos pilotis” nos seguintes termos:

- 1) Limpeza/higiene/salubridade das habitações, saneamento doméstico; 2) Distribuição dos tipos de circulação, separando o pedestre e o veículo motorizado; 3) Recuperação do terreno útil construído e do terreno da cidade, que passam a ficar livres de impedimentos; 4) Abrigo, elemento arquitetônico valioso que o pilotis traz de volta à moradia moderna, criando um novo espaço disponível para as vivências da vida doméstica e pública (garagem, estacionamento, proteção contra intempéries, recreação, etc.); e 5) Abolição da fachada: não há mais frente e fundos da casa, a casa está em cima (Boesiger; Stonorov, 1929, p. 128, tradução nossa³).

Portanto, Le Corbusier justifica a adoção do pilotis como uma medida de higiene das habitações e, ao mesmo tempo, como solução para o adensamento excessivo das cidades, que, cada vez mais, dificultava a



Figura 01
Croquis de Le Corbusier para a Unidade de Habitação de Marselha e Villa Savoye.
Fonte: Fondation Le Corbusier, ca. 1963 (documento de acesso público).

circulação e suprimia as áreas verdes (Figura 01). A intenção é melhorar o sistema de circulação e ampliar o espaço público e privado mediante o reposicionamento dos edifícios “no ar”.

Na prática, Le Corbusier projetou seus pilotis de maneira relativamente contida, com poucas variações de uso. Por exemplo, o croquis da Villa Savoye, a obra mais emblemática dos “cinco pontos”, indica a intenção de um pilotis destinado apenas a veículos, enquanto as atividades cotidianas estão todas no pavimento superior. De modo análogo, o croquis da Unidade de Habitação de Marselha não parece fazer do pilotis um lugar de interação social: as figuras humanas ali esboçadas não o ocupam (estão sempre na área externa), e o espaço de sociabilidade seria o terraço na cobertura.

Croquis de arquitetos brasileiros, pelo contrário, registram inúmeras abstrações, decomposições e adaptações dos pilotis, que assumem protagonismo nas casas como espaços de sociabilidade. Desenhos de Lucio Costa, Lina Bo Bardi, Acácio Gil Borsoi, Oscar Niemeyer, Sérgio Bernardes ou Ulpiano Nunes Muniz

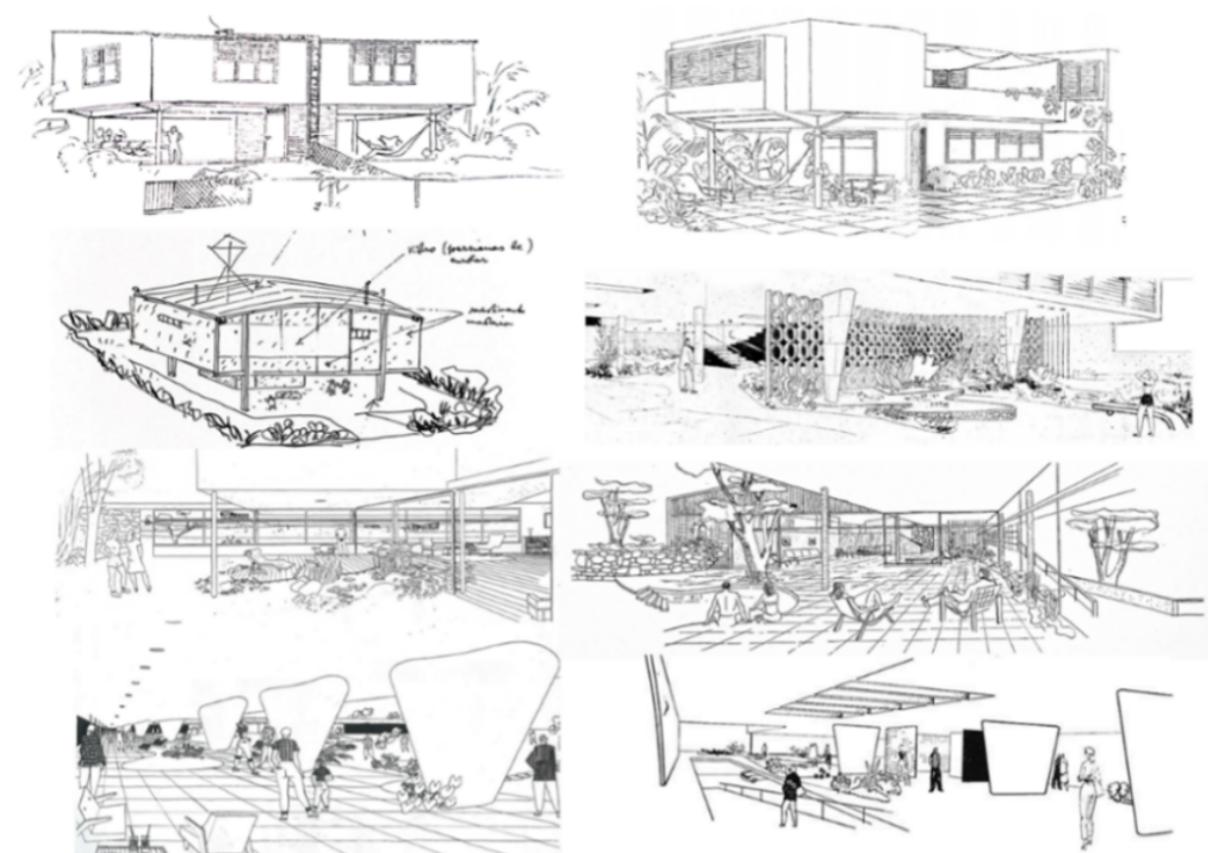


Figura 02

Croquis de pilotis dos arquitetos brasileiros. Fonte: Adaptada a partir de Costa, 1995; Ferraz, 1993; Naslavsky, 2004; Almeida, 2005; Heck, 2005; Revista Arquitetura e Engenharia, 1953⁴; Muniz, 1960 (documentos de acesso público).

⁴ Casas 1, 2, 5, 6, 8, 10 e 12, listadas na Tabela 01.

deixam entrever que seus pilotis foram pensados como espaços integrados ao cotidiano e como ambientes de informalidade (Figura 02). São abertos e instaurados na tensão entre interior e exterior, estimulando o convívio e proporcionando interação direta com o jardim, a rua, o bairro, o mundo.

Sobre o método

A fim de compreender o emprego peculiar do pilotis no Brasil e explicitar seu *motif*, foram analisados, como já dito, 56 projetos de moradias unifamiliares, selecionados a partir das publicações consultadas e buscando abranger a maior área geográfica possível, sendo contemplados projetos em doze diferentes estados, sendo três projetos da Região Norte, dez da Região Nordeste, três da Região Centro-Oeste, trinta e sete da Região Sudeste e três da Região Sul. O enfoque em edificações de uso habitacional se justifica por duas razões: Em primeiro lugar, pelo fato de que os projetos residenciais eram bastante recorrentes na agenda dos arquitetos modernos; e, em segundo, porque, sendo o programa de necessidades comum em todos os projetos, o foco de análise concentra-se no pilotis. Se a análise contemplasse edificações de diversos usos, isso poderia acabar tirando o foco do objeto de estudo, que é justamente a área não edificada no pavimento térreo.

Entender o *motif* — a causa, a motivação, a razão de ser — desse elemento arquitetônico implica discutir suas justificativas, sua imagem e os valores agregados à articulação do vazio espacial promovido pela elevação do volume principal de uma edificação. A análise dessas obras permitiu identificar como o pilotis foi incorporado de maneiras distintas e plurais.

Iniciou-se a pesquisa pelo redesenho de todos os projetos, de modo a padronizar as informações levantadas em livros, teses, dissertações e periódicos especializados consultados, e para apoiar a compreensão da respectiva concepção projetual mediante uma leitura visual das estratégias de organização dos ambientes e implantação dos edifícios. Em seguida, recorrendo aos redesenhos, bem como a memoriais descritivos, croquis e fotografias, os projetos foram analisados e interpretados considerando sua espacialidade, sua materialidade e as possíveis motivações ou intenções para a implantação do pilotis. Ele foi pensado como ambiente de circulação ou de permanência? Social ou de serviço? Foi uma resposta às condições locais ou uma replicação de um emblema modernista?

Alguns tópicos-chave orientaram a análise. O primeiro é o *relevo* do lote. Há casos de pilotis implantados para evitar grandes movimentações de terra, o que permite supor que foi usado em razão de uma especificidade local, ao passo que o pilotis num terreno plano poderia ser uma replicação mais “mecânica” do repertório modernista. Um segundo tópico é a *área adjacente* ao pilotis e o ambiente da casa a que ele dá acesso. Por exemplo, um pilotis ao lado de uma sala de estar provavelmente foi concebido como área de uso social, enquanto o pilotis ao lado de uma lavanderia conota um uso de serviço. O terceiro tópico é a *vegetação*. São recorrentes, na arquitetura moderna brasileira, as áreas de jardim que interpenetram os pilotis, indicando certa intenção de uso. O quarto tópico são as *escadas* e *rampas* de acesso aos pavimentos superiores. Sua integração ao pilotis indica um destaque desse espaço na proposta arquitetônica. O quinto tópico é a *garagem*. Se o projeto prevê uma garagem à parte, o pilotis terá uma função incrementada e não será usado majoritariamente para o acesso de veículos, como é o caso em vários projetos de Le Corbusier. A interpretação de cada um dos projetos revelou características diversas e comuns. Cerca da metade das casas foi implantada em terrenos acidentados (acli-ve ou declive); a outra metade, em terrenos planos. Quanto à área adjacente, há 38 casos em que o pilotis se conecta diretamente a áreas sociais, nove casos em que se conectam a áreas de serviço, e nove casos em que se conectam simultaneamente a ambas as áreas. Em dois terços dos projetos, há intervenções paisagísticas no pilotis. E 40 dos 56 pilotis analisados foram pensados como espaços de permanência, enquanto apenas 16 estão caracterizados como espaços de passagem. Naturalmente, os quantitativos aqui apresentados correspondem a uma “síntese estatística” frente ao universo da seleção, e as análises individuais não são objeto deste artigo, salvo no exemplar-síntese elencado para cada um dos quatro tipos, no intuito de discutir cada uma mais detalhadamente. As obras-síntese se configuraram nos projetos que reúnem o maior número de características e atributos elencados como determinantes da categoria. Os demais exemplos são variações dessas obras.

A partir desses parâmetros, pode-se estabelecer quatro tipos, aqui denominados pilotis *aéreo*, pilotis *migrante*, pilotis *varanda* e pilotis *serviço*. Cronologia, localização e autoria dos projetos não parecem relevantes na definição de cada um dos tipos, ou seja, não ficou evidenciada nenhuma uma concentração por região ou projetista, e tampouco uma “evolução” de um tipo a outro.

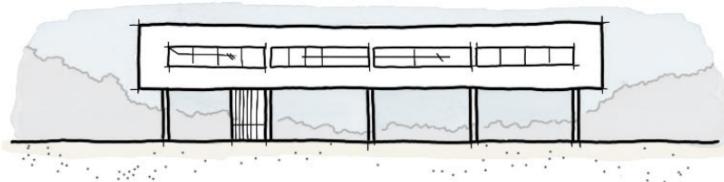


Figura 03
 Croqui esquemático do pilotis aéreo.
 Fonte: Autora, 2025.

Pilotis aéreo

No pilotis aéreo (Figura 03), identificado em 16 casas (Tabela 01), o volume que concentra as atividades cotidianas da casa está completo ou parcialmente elevado, porém num lote plano ou planificado (Figura 04). Nesse tipo, o emprego do pilotis não é uma resposta ao relevo, e sim fruto de uma intenção de continuidade visual e espacial. São pilotis que propõem novos usos para a área livre no pavimento térreo, de permanência, convívio e lazer. Em todos os exemplares desse tipo, o acesso aos pavimentos superiores se dá por escadas localizadas no próprio pilotis, o que evidencia o protagonismo desse espaço na composição arquitetônica. Além disso, em sete dos 16 casos de pilotis aéreo, elevar o volume principal da casa parece ter sido uma forma de compensar a largura reduzida do terreno⁵. Se essas casas tivessem sido implantadas diretamente sobre o solo, teriam pouco

⁵ Casas 3, 5, 12, 13 e 14, listadas na Tabela 01.

| Nº | Projeto | Arquiteto | Local | Ano |
|----|--------------------------|-----------------------|-------------------|------|
| 01 | Casa Sem Dono 03 | Lucio Costa | Não construída | 1934 |
| 02 | Casa Henrique Xavier | Oscar Niemeyer | Não construída | 1936 |
| 03 | Casa Herbert Johnson | Oscar Niemeyer | Fortaleza/CE | 1942 |
| 04 | Casa Barão de Saavedra | Lucio Costa | Petrópolis/RJ | 1942 |
| 05 | Casa em Belo Horizonte | Eduardo M. Guimarães | Belo Horizonte/MG | 1954 |
| 06 | Casa Luciano Costa Jr. | Acácio Gil Borsoi | Recife/PE | 1955 |
| 07 | Palácio do Catetinho | Oscar Niemeyer | Brasília/DF | 1956 |
| 08 | Casa na praia | Lina Bo Bardi | Não construída | 1957 |
| 09 | Casa em Itaipava | Affonso E. Reidy | Rio de Janeiro/RJ | 1959 |
| 10 | Casa do Arquiteto | Paulo Mendes da Rocha | São Paulo/SP | 1964 |
| 11 | Casa para o Ministro | João Filgueiras Lima | Brasília/DF | 1965 |
| 12 | Casa Mário Masetti | Paulo Mendes da Rocha | São Paulo/SP | 1969 |
| 13 | Casa James Francis King | Paulo Mendes da Rocha | São Paulo/SP | 1972 |
| 14 | Casa José da Silva Netto | João Filgueiras Lima | Brasília/DF | 1973 |
| 15 | Casa Thiago de Mello | Lucio Costa | Barreirinha/AM | 1978 |
| 16 | Casa Schuster | Severiano Mário Porto | Manaus/AM | 1978 |

Tabela 01: Listagem dos exemplos de pilotis aéreo.

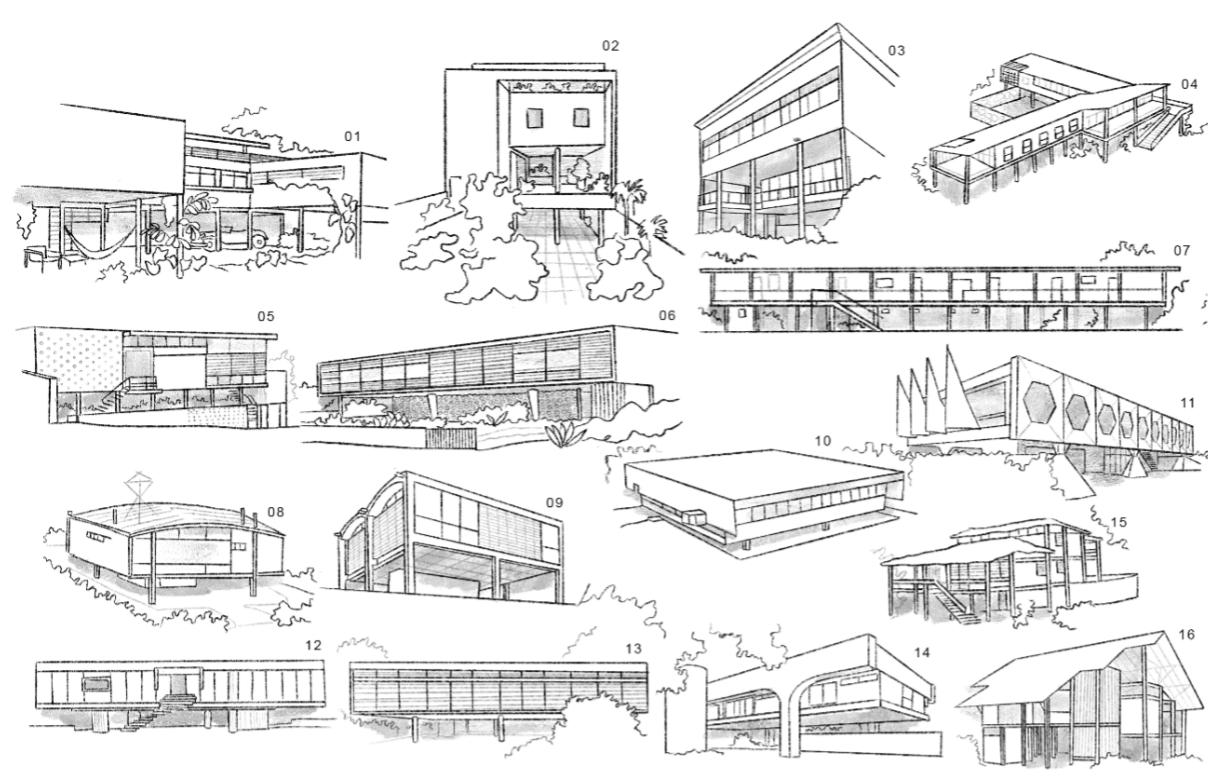


Figura 04
Exemplos de pilotis aéreo.
Fonte: Autora, 2025.

ou nenhum afastamento dos muros de divisa e pouca área externa. O pilotis lhes garante uma área aberta e coberta, e elimina a distinção entre frente e fundos. Nesse aspecto, os pilotis aéreos são os que mais se aproximam do vocabulário corbusiano, ainda que com adaptações, sobretudo a integração com jardins e áreas de piscina⁶.

Como exemplo desse tipo temos a casa de Robert Schuster (1978), de número 16, projeto de Severiano Porto, localizada na cidade de Manaus (AM). Situada na margem do igarapé do Mariano, o volume principal da casa é completamente elevado, evitando a alta umidade do solo, característica da região (Figura 05). A casa se desenvolve em torno de um vazio central, permitindo que a pouca ventilação local circule por seu interior e por todos os ambientes. O projeto é consequência de uma diretriz única, representada pela preocupação em valorizar a natureza em que a casa está inserida (Abrahim, 2014).

A área livre do pilotis abriga a sala de estar, aberta, coberta, sombreada e ventilada (Figura 06). A proposta para o uso desse espaço foi registrada pelo arquiteto na planta-baixa original, redesenhada por nós (Figura 07), onde foram previstas duas redes atadas

⁶ Casas 17, 18, 20, 23, 26, 28 e 29, listadas na Tabela 02.



Figuras 05 e 06

Visadas da casa de Robert Schuster; Pilotis da casa de Robert Schuster.
 Fonte: Casas Brasileiras, 2017 (documento de acesso público).

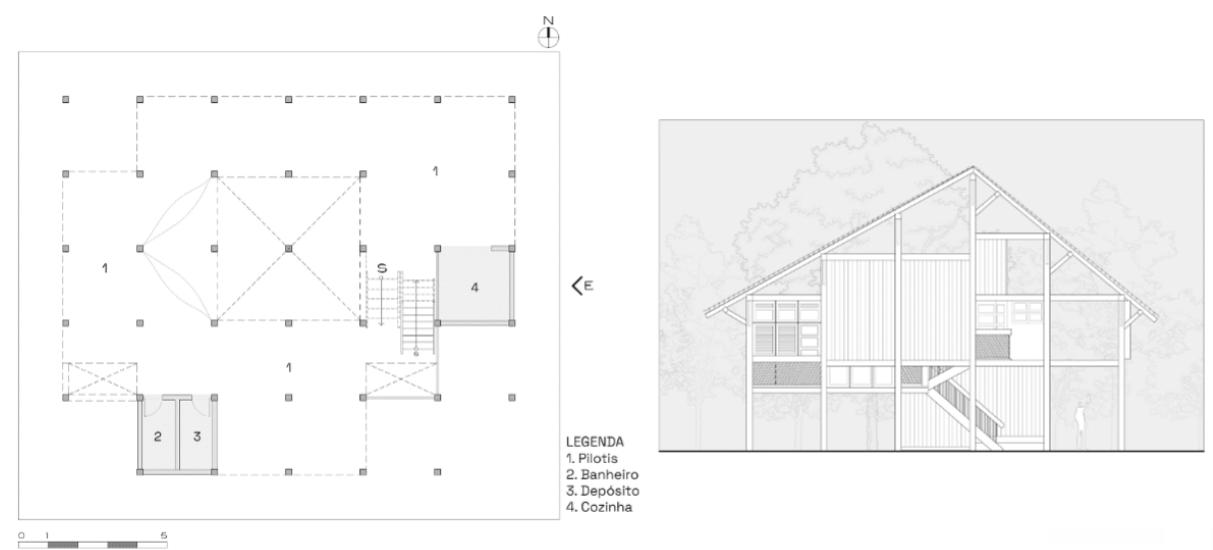


Figura 07

Planta-baixa e fachada da casa de Robert Schuster.
 Fonte: Autora, 2024.

nos pilares, que podem ser um indicativo da intenção do pilotis ser uma área de permanência prolongada.

Os pilares de madeira com seção quadrada emolduram a vegetação que circunda a casa. O vazio central conecta visualmente o pilotis ao pavimento superior. Apenas um dos 26 módulos da estrutura é compartimentado no pavimento térreo, sendo este ocupado por um banheiro e um depósito. A cozinha (localizada ao lado da escada) é fechada por paredes de alvenaria em dois lados e aberta para o pilotis nos dois outros. O pilotis é aberto, mas cercado pela mata densa da região amazônica.

Pilotis mirante

Mirantes são pontos elevados de onde se tem visão panorâmica de uma paisagem, e essa também é a principal característica do pilotis mirante (Figura 08), encontrado em treze das casas analisadas (Tabela 02). Trata-se de edificações implantadas em terrenos de encosta, nas quais o pilotis reduz a movimentação

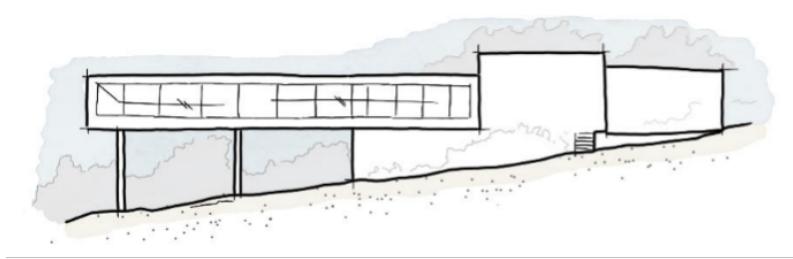


Figura 08

Croqui esquemático do pilotis mirante.

Fonte: Autora, 2025.

de terra e, ao mesmo tempo, faz da paisagem a protagonista da proposta arquitetônica. Em sete casos, o pilotis demarca a entrada principal da casa⁷; nos demais, pertence à área social, íntima ou de lazer, nos fundos do lote⁸. Porém, em todos os casos, as áreas desses pilotis estão dispostas de maneira a privilegiar uma vista panorâmica e a integrar a vegetação, direta ou indiretamente. Isso permite inferir que se trata de pilotis concebidos como espaços de permanência e contemplação. Outra característica predominante das casas desse tipo é que elas sempre se encontram parcialmente elevadas sobre pilotis e parcialmente apoia-das na porção mais alta do terreno (Figura 09).

Como exemplo desse tipo temos a casa de Olivo Gomes (1954), de número 26, projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, localizada na cidade de São José dos Campos (SP). Situada no limite da várzea do rio Paraíba, a casa é inteiramente concebida para a fruição da paisagem. A colaboração de Burle Marx encontra aqui a sua mais completa sintonia: painéis e

⁷ Casas 19, 21, 22, 24, 25 e 27, listadas na Tabela 02.

| Nº | Projeto | Arquiteto | Local | Ano |
|----|------------------------|-----------------------|------------------------|------|
| 17 | Chácara Coelho Duarte | Lucio Costa | Rio de Janeiro/RJ | 1930 |
| 18 | Vila Monlevade | Lucio Costa | Monlevade/MG | 1934 |
| 19 | Casa Vital Brasil | Álvaro Vital Brasil | Rio de Janeiro/RJ | 1940 |
| 20 | Casa do Arquiteto | Oscar Niemeyer | Rio de Janeiro/RJ | 1942 |
| 21 | Casa George Hime | Henrique Mindlin | Petrópolis/RJ | 1949 |
| 22 | Casa de Julian Czapski | Vilanova Artigas | Sumaré/SP | 1949 |
| 23 | Casa do Morumbi | Lina Bo Bardi | São Paulo/SP | 1951 |
| 24 | Casa Oswaldo Bratke | Oswaldo Bratke | São Paulo/SP | 1951 |
| 25 | Casa em Jacarepaguá | Affonso Eduardo Reidy | Rio de Janeiro/RJ | 1952 |
| 26 | Casa de Olivo Gomes | Rino Levi | São José dos Campos/SP | 1954 |
| 27 | Casa Geraldo Baptista | Olavo Redig de Campos | Petrópolis/RJ | 1954 |
| 28 | Casa de Lauro Carvalho | Henrique Mindlin | Petrópolis/RJ | 1955 |
| 29 | Casa do Cafundó | Severiano Mário Porto | Manaus/AM | 1963 |

Tabela 02

Listagem dos exemplos de pilotis mirante.

Fonte: Autora, 2025.

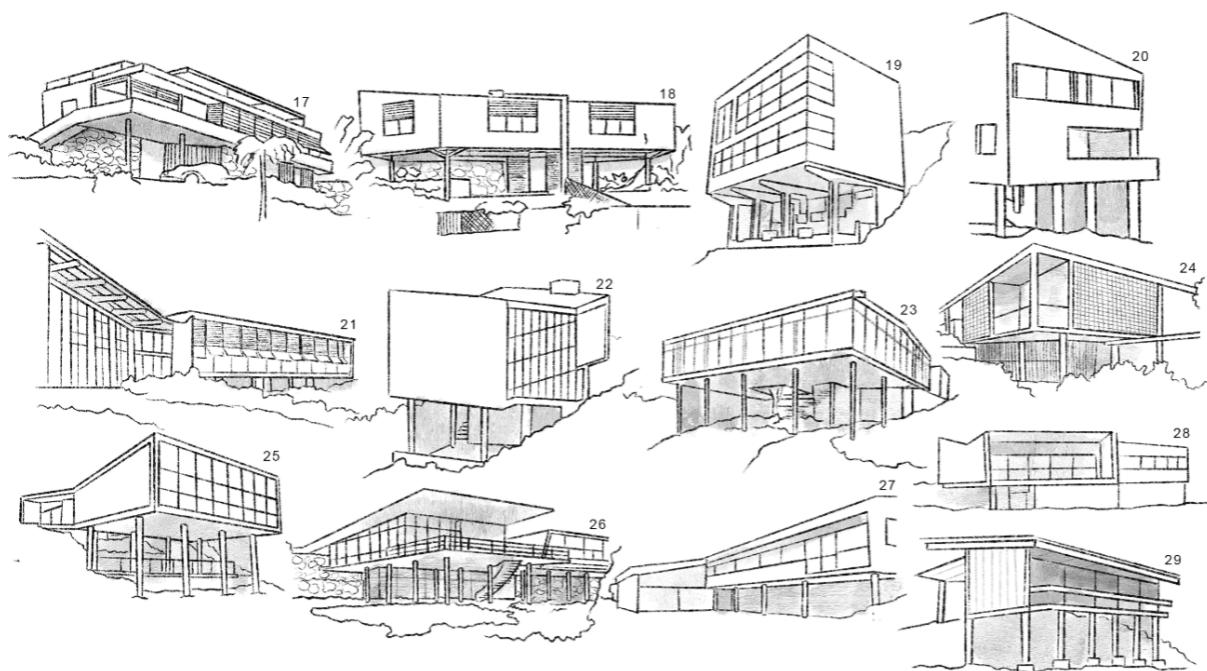
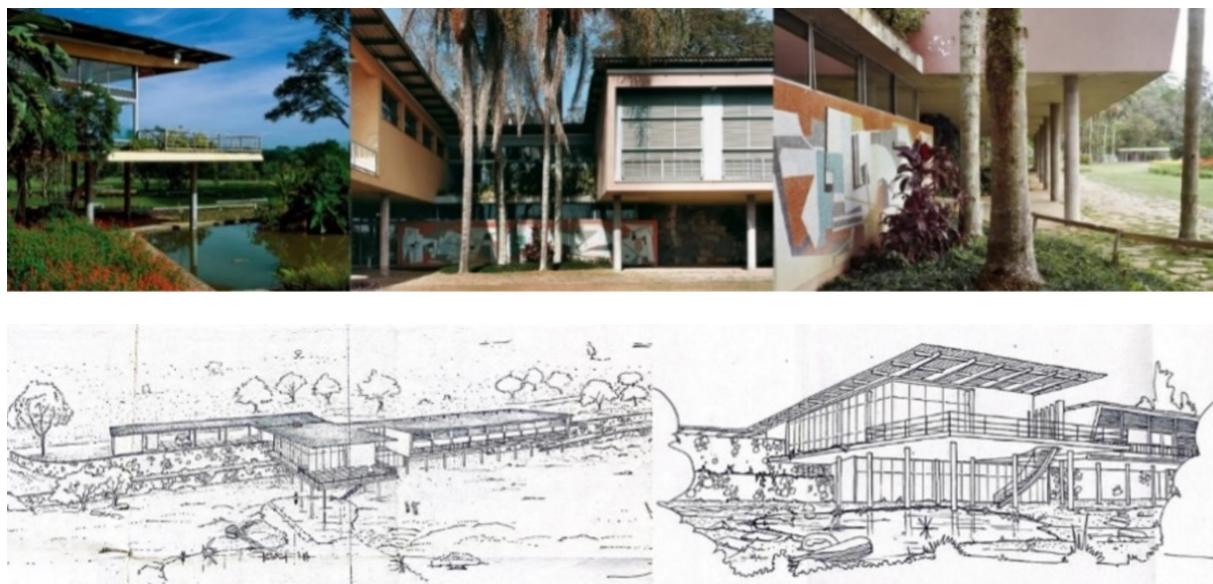


Figura 09
Exemplos de pilotis mirante.
Fonte: Autora, 2025.



Figuras 10 e 11
Visadas da casa de Olivo Gomes, jardins e painéis de Burle Marx; Croquis originais da casa de Olivo Gomes. Fonte: Kon, ca. 2018 (documento de acesso público); Acervo da Biblioteca da FAU-USP, 2024 (documento de acesso público).

jardins são componentes ativos na realização do partido do projeto (Figura 10) (Anelli; Gerra; Kon, 2001).

Os pilares de concreto, com seção circular, ora apoiamos diretamente sobre o espelho d'água, ora diretamente sobre o solo, se confundem com os troncos das árvores, definindo a íntima relação entre a natureza e a arquitetura (Figura 11). A casa, situada em leve

pendente, se desenvolve praticamente em um único pavimento, térreo na sua fachada de acesso e suspenso na sua fachada principal. O volume elevado avança na paisagem e traz para o convívio doméstico o contato direto com seu entorno (Figura 12). A área livre no pavimento térreo tem suas aberturas incorporadas aos jardins. A escada helicoidal que dá acesso ao pavimento superior (onde se concentram as atividades básicas cotidianas de habitação) evidencia o destaque que a área de pilotis tem na composição arquitetônica (Figura 13).



Figuras 12 e 13
Planta-baixa e fachada da casa de Olivo Gomes; Volume da casa suspenso em pilotis no pavimento inferior e escada helicoidal. Fonte: Autora, 2024; Kon, c2018 (documento de acesso público).

Pilotis varanda

O pilotis varanda (Figura 14) é o tipo identificado no maior número das casas estudadas: 23 exemplos (Tabela 03). Sua principal característica é o fato de resultar de um recuo ou uma subtração do volume do térreo em relação ao pavimento superior. Está sempre localizado numa extremidade da casa, como prolongamento de um ambiente social: a sala de estar ou uma área de bar e churrasqueira. Assim, ele se torna

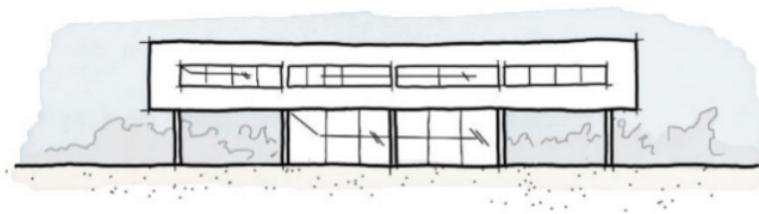


Figura 14
 Croqui esquemático do pilotis varanda.
 Fonte: Autora, 2024

uma extensão do espaço interno e, ao mesmo tempo, o articulador de uma transição gradual entre dentro e fora. Sua conotação é de retomada do valor da varanda como dispositivo espacial e social vinculado aos hábitos culturais brasileiros e pertencente à tradição da arquitetura no Brasil (Figura 15).

Originalmente a varanda é caracterizada como sendo um “local alpendrado de permanência aprazível [...]. Varanda é um refrescante local de lazer, de estar, na casa tropical [...]. Ainda que assuma significados re-

| Nº | Projeto | Arquiteto | Local | Ano |
|----|---------------------------|-----------------------|-------------------|------|
| 30 | Casa Sem Dono 01 | Lucio Costa | Não construída | 1934 |
| 31 | Casa Francisco Peixoto | Oscar Niemeyer | Cataguases/MG | 1943 |
| 32 | Casa Prudente de Moraes | Oscar Niemeyer | Rio de Janeiro/RJ | 1943 |
| 33 | Casa Gustavo Capanema | Oscar Niemeyer | Não construída | 1947 |
| 34 | Casa “1947” | Sérgio Bernardes | Rio de Janeiro/RJ | 1947 |
| 35 | Casa Mário Bittencourt | Vilanova Artigas | São Paulo/SP | 1949 |
| 36 | Casa do Arquiteto | Vilanova Artigas | São Paulo/SP | 1949 |
| 37 | Casa de Heitor Almeida | Vilanova Artigas | Santos/SP | 1949 |
| 38 | Casa Antonio Ceppas | Jorge Machado Moreira | Rio de Janeiro/RJ | 1952 |
| 39 | Casa Ernani de S. Freire | Walter Freire Barros | Aracaju/SE | 1953 |
| 40 | Casa João Paulo Miranda | Lygia Fernandes | Maceió/AL | 1953 |
| 41 | Casa Pompeu Maroja | Acácio Gil Borsoi | João Pessoa/PB | 1954 |
| 42 | Casa Jadir de Souza | Sérgio Bernardes | Rio de Janeiro/RJ | 1954 |
| 43 | Casa José Lira | Lygia Fernandes | Maceió/AL | 1955 |
| 44 | Casa José Barbosa | Ernani Vasconcellos | Curitiba/PR | 1955 |
| 45 | Casa Cassiano Coutinho | Acácio Gil Borsoi | João Pessoa/PB | 1956 |
| 46 | Casa Olga Baeta | Vilanova Artigas | São Paulo/SP | 1956 |
| 47 | Casa Gilberto Ferraz | Sérgio Bernardes | Rio de Janeiro/RJ | 1956 |
| 48 | Casa Austregésilo Freitas | Acácio Gil Borsoi | João Pessoa/PB | 1958 |
| 49 | Casa Joaquim Augusto | Acácio Gil Borsoi | João Pessoa/PB | 1958 |
| 50 | Casa Saldanha Werneck | M.M Roberto | Rio de Janeiro/RJ | 1959 |
| 51 | Casa Alfred G. Domschek | Vilanova Artigas | São Paulo/SP | 1973 |
| 52 | Casa Niclewicz | Vilanova Artigas | Curitiba/PR | 1978 |

Tabela 03
 Listagem dos exemplos de pilotis varanda.

gionais mais específicos, vinculando-se ora à atividades de estar, ora à atividades de refeição, sua presença doméstica no cotidiano a consolida como um espaço brasileiro de caráter tradicional. Ou seja, a varanda é brasileira. A varanda está vinculada aos hábitos culturais e de sociabilidade e convivência pública, coletiva ou familiar desde sua configuração tipológica nas sedes dos engenhos de cana-de-açúcar. (Rossetti, 2007, p. 86)

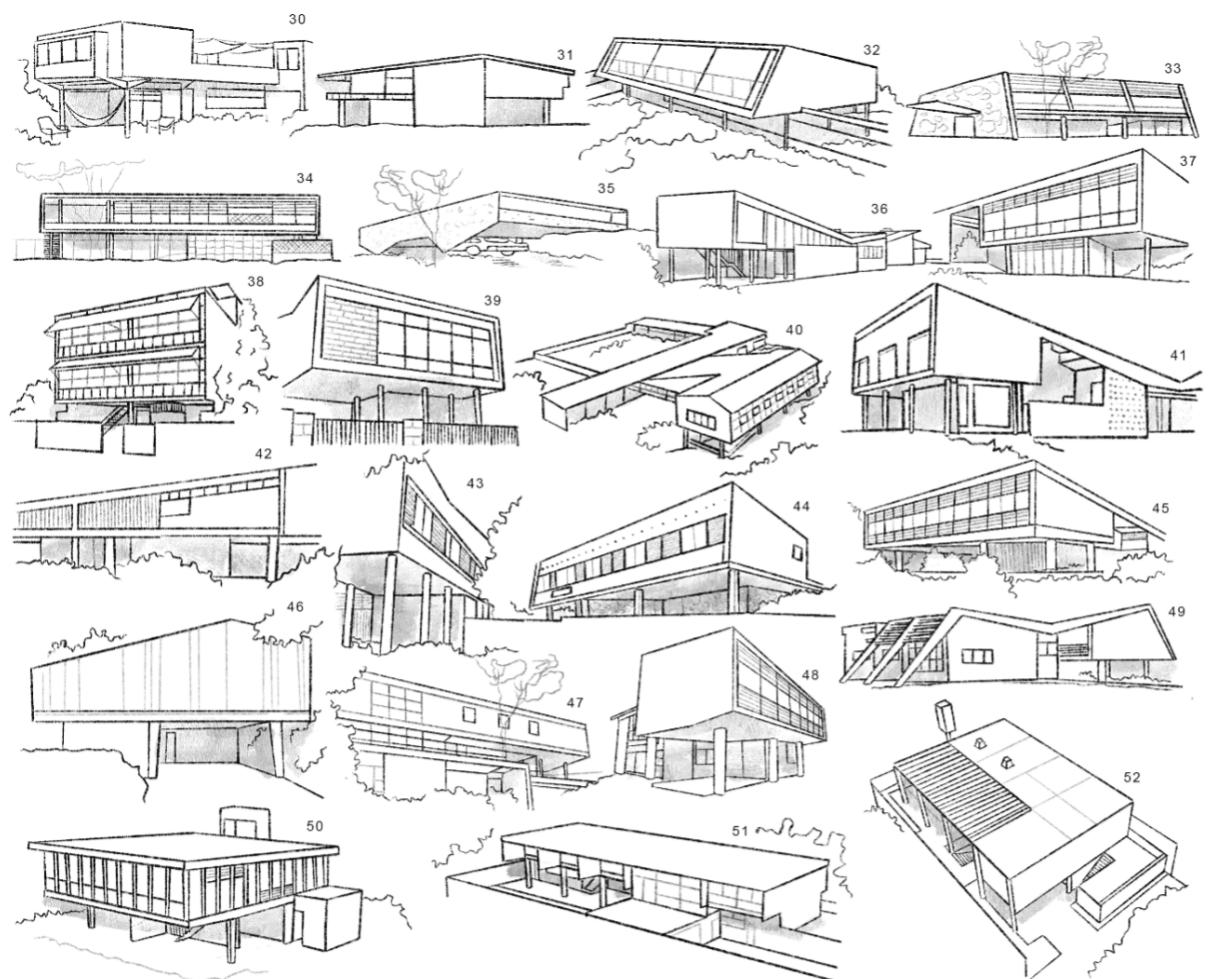
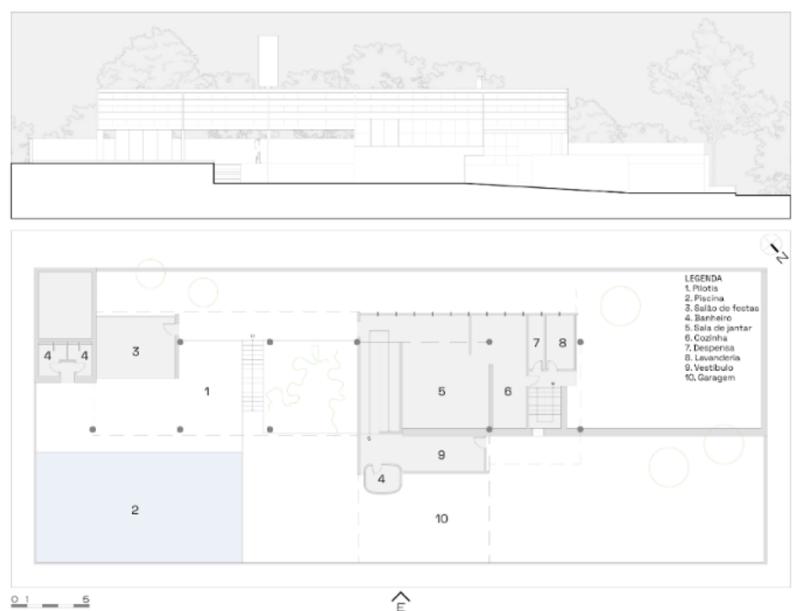


Figura 15
Exemplos de pilotis varanda.
Fonte: Autora, 2024

Como exemplo desse tipo temos a casa de Alfred Domschek (1973), de número 51, projeto de Vilanova Artigas, localizada na cidade de São Paulo (SP). Nesse caso, o pilotis é varanda por criar um espaço de transição entre ambientes internos e externos, funcionando como um prolongamento da sala de estar, integrada a um salão de festas externo, aos jardins e à piscina (Figura 16). A garagem para três carros foi locada em um ambiente compartmentado específico, deixando o pilotis livre para atividades de lazer e convívio. A

intenção de uso da área livre no pavimento térreo fica evidente ao observar a planta-baixa (Figura 17) onde é possível entender o vínculo que se estabelece entre o pilotis e os ambientes internos.



Figuras 16 e 17
Visadas da casa de Alfred Domschek; Planta-baixa e fachada da Casa de Alfred Domschek. Fonte: Acervo pessoal, 2023; Autora, 2024

Pilotis serviço

O pilotis serviço (Figura 18), que caracteriza apenas quatro das casas analisadas (Tabela 04), se distingue pelo fato de ser adjacente a uma área de serviço da casa ou destinado ao abrigo de veículos. Independentemente do relevo do lote ou dos demais aspectos formais do projeto, os pilotis desse tipo foram concebidos como elementos antes coadjuvantes do que protagonistas. Não houve nenhuma intenção de que se tornassem áreas de convívio e de permanência prolongada (Figura 19).

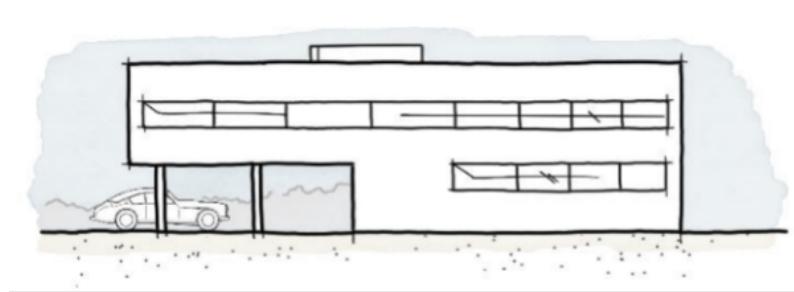


Figura 18

Croqui esquemático do pilotis serviço.

Fonte: Autora, 2024

| Nº | Projeto | Arquiteto | Local | Ano |
|----|------------------------|------------------|-------------------|------|
| 53 | Casa na Urca | Affonso E. Reidy | Rio de Janeiro/RJ | 1936 |
| 54 | Casa Waldemar Gantois | Antônio Rebouças | Salvador/BA | 1952 |
| 55 | Casa João Luiz Bettega | Vilanova Artigas | Curitiba/PR | 1953 |
| 56 | Casa Maria Elisa Costa | Lucio Costa | Rio de Janeiro/RJ | 1979 |

Tabela 04

Listagem dos exemplos de pilotis serviço.

Como exemplo desse tipo temos a casa de Waldemar Gantois (1952), de número 54, projeto de Antônio Rebouças, localizada na cidade de Salvador (BA). O conteúdo dessa proposta se limita a poucas fotos, publicadas na revista Habitat em 1952 (Figura 20). Na ocasião, Lina Bo Bardi (então diretora da revista) assinou o artigo intitulado “Residência W. Gantois em Itapoã”, onde criticou fortemente os supostos formalismos de toda uma vertente da arquitetura moderna brasileira à qual a casa estaria vinculada (Andrade, 2011).

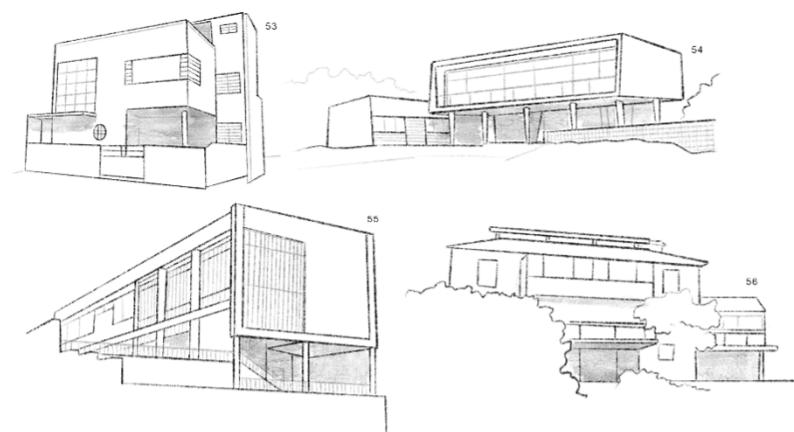


Figura 19

Exemplos de pilotis serviço.

Fonte: Autora, 2024



Figuras 20 e 21
Casa de Waldemar Gantois; Planta-baixa da casa de Waldemar Gantois. Fonte: Andrade, 2011 (documento de acesso público); Autora, 2024.

Ao que tudo indica, não havia nessa casa uma intenção de que o pilotis fosse uma área de convívio ou de permanência prolongada. Não é pilotis aéreo, pois sua maior área é diretamente apoiada sobre o solo; não é um pilotis mirante, pois este não foi adotado como resposta a uma topografia irregular; não é tampouco um pilotis varanda, por não estar diretamente vinculado a nenhum ambiente social interno. Um corredor de circulação e uma escada enclausurada estabelecem a separação entre o pilotis e o volume principal da casa. O acesso de veículos à garagem (nos fundos) acontece através do pilotis, o que reforça seu caráter de serviço. Para mais, o volume da escada (em pedra) impossibilita a continuidade visual e espacial entre o pilotis e a sala de estar (Figura 21).

Conclusão

Embora houvesse a imposição de uma cartilha corbusiana, que indicava o que significava ser moderno, a hesitação quanto aos caminhos que a arquitetura

deveria trilhar — debate em curso sobretudo na Europa — conheceu no Brasil uma outra variável: a da nacionalidade (Segawa, 1998). Assim, se iniciou um paradoxo entre a busca por uma legitimação europeia e a possibilidade de criar um estilo nacional.

As análises realizadas evidenciam diferenças significativas entre os pilotis brasileiros e os corbusianos. Conforme observamos em dois dos exemplos mais célebres de pilotis propostos por Le Corbusier (Figura 1), nas duas ocasiões, o arquiteto propõe o vazio do pavimento térreo como um espaço de transição (embarque e desembarque) e de abrigo de veículos, enquanto as atividades básicas cotidianas de habitação estariam concentradas nos pavimentos superiores. Nos projetos brasileiros, acontece justamente o contrário: o pilotis tem destaque na composição espacial e é proposto como uma área de estar e convivência. Essa intenção se revela desde a etapa de concepção projetual, como se pode observar nos croquis dos arquitetos brasileiros, onde a inclusão de diversas figuras humanas antecipa o uso pretendido para esses espaços. (Figura 2)

Os arquitetos analisados neste artigo demonstram ter sido guiados por um apurado senso investigativo das premissas de Le Corbusier, o que lhes possibilitou uma plena compreensão de seus princípios compostivos e, assim, distanciar-se do mestre para formular soluções próprias. Desse deslocamento, surgiu “uma linguagem formal moderna, de validade internacional, mas com sabor brasileiro.” (Comas, 1987) Foram inúmeros testes, abstrações, decomposições e adaptações dos pilotis, propostos como um espaço de permanência prolongada. A extroversão assumiu protagonismo nas residências unifamiliares, e se confirmou como marca registrada da arquitetura moderna brasileira, em contraste com as soluções típicas de Le Corbusier, que, por outro lado, trabalhou seus pilotis de maneira mais contida, explorando poucas variações de uso desse dispositivo arquitetônico.

Se fizermos o exercício de classificar a Villa Savoye, fica evidente que ela se enquadraria como um “pilotis serviço”, categoria que classifica somente 4 dos 56 exemplos estudados e, portanto, corresponde a uma exceção dentro do conjunto analisado. Isso evidencia o distanciamento entre a concepção original dos pilotis corbusianos e a forma como esse conceito foi apropriado e ressignificado no Brasil. É no modo de vida e no uso previsto do espaço que se encontram os principais diferenciais dos pilotis brasileiros em relação aos propostos por Le Corbusier. Os arquitetos

brasileiros desenvolveram elementos e princípios de projeto preconizados por Corbusier com uma leveza peculiar, sem esgotar as fontes de inspiração (Comas, 2002).

Os autores dos 56 projetos elencados na pesquisa investigaram as premissas propostas pelo arquiteto franco-suíço e delas se apropriaram de uma maneira que não deixa de lembrar o Manifesto Antropófago (1928) de Oswald de Andrade: contra a catequese europeia e contra “todos os importadores de consciência enlatada”. Essa nos parece ser a essência do pilotis brasileiro. Compreender seus desdobramentos permite ainda dizer que o pilotis no Brasil se tornou uma “tradição inventada”, ou seja, uma prática comum, aceita como se nos pertencesse desde “sempre”, inculcando e reforçando, pela repetição, certos valores e comportamentos (Hobsbawm, 2022). O fato de o pilotis ter sido tão bem aceito no Brasil parece resultar não somente de uma doutrina modernista, mas também de sua afinidade a certos hábitos, como o uso do espaço exterior por razões culturais, sociais, de valor paisagístico e, também, climáticas. As semelhanças entre os pilotis de todas as partes do país se apoiam numa herança comum ou, como se diz, numa “brasiliadade” compartilhada.

Ao estudar alguns pilotis brasileiros, concluímos que, o estilo moderno nacional se manifestou por meio de uma “tropicalização” do pilotis corbusiano, consequente das reinterpretações dos arquitetos brasileiros que atribuíram ao pilotis um caráter do nosso modo de vida. Supomos que a “brasiliadade” é o que faz desses projetos, embora tão diversos, serem reconhecíveis como projetos modernos brasileiros, dentro das várias linguagens modernas e brasileiras possíveis. As categorias apresentam os pontos semelhantes que aproximam esses pilotis (de inspirações diversas) em todas as partes do país. Esses pontos estão apoiados em uma herança ancestral, relacionada aos hábitos e ao modo de ser brasileiro.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil.

Referências

ABRAHIM, R. *Poesia na floresta: a obra do Severiano Porto no Amazonas*. Manaus: Reggo Edições, 2014.

ALMEIDA, M. L. *As casas de Oscar Niemeyer - 1935-1955*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANDRADE, N. V. Fontes insuspeitas: os desafios da pesquisa sobre a residência moderna baiana. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 2011, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ANDRADE, O. Manifesto Antropófago. In: Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo – 1^a e 2^a dentições – p. 3-7, 1928.

ANELLI, R.; GUERRA, A.; KON, N. *Rino Levi, arquitetura e cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

BOESIGER, W.; STONOROV, O. (ed.). *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: oeuvre complete, 1910-1929*. Zurich: d'Architecture, 1929.

BRUAND, Y. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CASAS BRASILEIRAS. *Casa Roberto Schuster*. [S. I.], 30 maio 2017. Disponível em: <http://www.casasbrasileiras.arq.br/casaschuster.html>. Acesso em: 4 set. 2025.

COMAS, C. E. D. Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10898>. Acesso em: 22 jun. 2024.

Comas, C. E. D. "Protótipo e monumento: um ministério, o Ministério" em Projeto nº 102. São Paulo, , 1987: p. 136-149.

COSTA, L. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. 2. ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FERRAZ, M. C. (org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1993.

FONDATION LE CORBUSIER. [Croquis de Le Corbusier para a Unidade de Habitação de Marselha e Villa Savoye]. 2 desenhos, color. [S. I.], c1963. Disponível em: <https://www.fondationlecorbusier.fr/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

HECK, M. *Casas modernas cariocas [1930-1965]*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

KON, N. *Nelson Kon: imagens da arquitetura brasileira*. [S. I.], c2018. Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/>. Acesso em: 19 maio 2024.

MUNIZ, U. N. Edifício de apartamentos em Belo Horizonte. *Revista Acropóle*, São Paulo, ano 22, n. 255, p. 98-100, 1960. 1 desenho. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/255/46>. Acesso em: 4 set. 2025.

NASLAVSKY, G. *Arquitetura moderna em Pernambuco 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim*. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ROSSETTI, E. P. *Arquitetura em transe: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília [1960-85]*. 2007. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, C. R.; PEREIRA, M. S. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessel, 1987.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação*. Rio de Janeiro, c2024. Disponível em: <https://npd.fau.ufrj.br/index.php>. Acesso em: 22 jun. 2024.